

## A REPRESENTAÇÃO DO “DIFERENTE” NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

*Daniel Marcelino dos Santos\**  
*Conceição de Maria Costa\*\**  
*Cristina Schmidt\*\*\**

### RESUMO

As discussões relacionadas à identidade estão presentes no cenário acadêmico, social e cultural. A mídia configura-se como um importante fator de influência na construção e significação das identidades, de modo que as histórias em quadrinhos, que compõem o cenário midiático, possuem uma ampla difusão social. Assim, por meio de uma revisão bibliográfica e da análise de cinco revistas do cartunista Maurício de Souza, este trabalho se propõe a apresentar brevemente as origens das histórias em quadrinhos e seus principais nomes, caracterizar a evolução da identidade social, política e cultural das pessoas com deficiência, descrever o processo de chegada desse grupo na composição da Turma da Mônica e analisar a presença desses personagens em cinco revistas. Verificamos que crianças com deficiências sensoriais, transtorno global de desenvolvimento e possivelmente com altas habilidades/superdotação, foram representadas pelo cartunista. Nas revistas analisadas, observamos uma presença reduzida desses personagens.

**Palavras-chave:** Mídia; Turma da Mônica; Deficiência.

---

\* Mestrando no Programa de Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes UMC, Especialista em Educação Especial e Bacharel em Fisioterapia. Professor de Educação Básica na Prefeitura da Estância Hidromineral de Poá, com atuação na Educação Especial. Atuou como Fisioterapeuta na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais APAE Poá. Membro do Conselho Municipal de Educação de Poá nos Biênios de 2007/2008, 2009/2010, 2011/2012 e 2014/2016, integrando as Câmaras de Educação Básica e de Legislação.

\*\* Atualmente cursando Mestrado em Políticas Públicas na Universidade de Mogi das Cruzes, com pesquisas sobre a Inclusão Escolar dos alunos com deficiência, nas escolas regulares de ensino. Graduada em Pedagogia pela Universidade da Amazônia (1997). Coordenadora Pedagógica na Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Estado do Pará e Professora na Secretaria de Estado de Educação do Pará.

\*\*\* É doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, mestre em Comunicação e jornalista pela UMESP-SP, pesquisadora e professora no Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes, pesquisadora da Cátedra UNESCO/UMESP, professora e coordenadora de curso na Faculdade Bertogliano – Fabe. Brasil. E-mail: [cris\\_schmidt@uol.com.br](mailto:cris_schmidt@uol.com.br).

## 1. INTRODUÇÃO

As concepções de identidade são amplamente discutidas pela teoria social. Na concepção do homem iluminista, a identidade é entendida como algo imutável, de modo que o sujeito permanecia tal como seu nascimento até sua morte. A identidade do homem sociológico considerou que o meio no qual esse indivíduo encontrava-se inserido também influenciava em sua identidade. A compreensão de que a identidade, até então concebida como unificada e estável, indicava fragmentações, e que a sua definição é um produto da História, conduziu-nos ao entendimento de uma abordagem pós-moderna, onde o sujeito pode ter múltiplas identidades, algumas vezes contraditórias, formadas e transformadas pelas relações sociais, mediadoras de símbolos, valores e sentidos culturais nos quais o homem se insere (HALL, 2005).

A mídia, constituída por telenovelas, filmes, peças teatrais, veículos impressos, e peças publicitárias, é capaz de influenciar maneiras de pensar, de agir e estilos de vida. Configura-se como um dos principais fatores de interferência na construção das identidades. Atualmente, na busca pela constante ampliação de seu espaço, veículos midiáticos procuram entender as mais diversas identidades, fruto das demandas sociais e da voz de seus receptores (SOUZA e FORTUNA, 2014).

Os quadrinhos, assim como o grafite, são lugares de intersecção entre o visual e o literário, o culto e o popular, portanto, são gêneros notavelmente híbridos. As histórias em quadrinhos, desde o final do século XIX, se tornaram componentes da cultura contemporânea, inserindo-se no jornalismo e na arte e alcançando grandes lucros no mercado editorial, com ampla difusão na sociedade (CANCLINI, 1997).

Neste contexto, procuramos abordar a representação da identidade das crianças com deficiências sensoriais, transtorno global de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação nas histórias em quadrinhos brasileiras, mais especificamente na Turma da Mônica.

Este estudo se propõe a apresentar brevemente as origens das histórias em quadrinhos e seus principais nomes, caracterizar a evolução da identidade social, política e cultural das pessoas com deficiência e descrever o processo de chegada desse grupo à composição da Turma da Mônica. Por fim, analisaremos as revistas da Turma da Mônica número 93, publicada em setembro de 2014 sob o título “Turma da Mônica: o videogame alopado” e n.º. 94, publicada em outubro de 2014, intitulada “Turma da Mônica: Coisas de gibi”, com o intuito de verificar a presença de personagens com deficiências, seja nas histórias, na seção de cartas ao leitor, ou e nos informes publicitários.

De forma complementar, também foram analisadas as seguintes revistas: “Cebolinha: Uma festa de aniversário?” (n.º. 94/outubro de 2014); “Magali: A

irmandade do biscoito amanteigado” (nº. 94/ outubro de 2014) e “Cascão: Os novos amigos do Cebolinha” (nº. 94/ outubro de 2014).

O método de pesquisa definido foi de natureza qualitativa, com um tipo de recorte transversal, na modalidade descritiva, cujo recurso metodológico foi um estudo bibliográfico.

### 1.1 *As histórias em quadrinhos*

A origem das histórias em quadrinhos é pré-histórica, com início nas representações rupestres deixadas nas cavernas, porém, o veículo midiático como conhecemos surgiu no final do século XIX na Europa e nos Estados Unidos, com expansão posterior para outros países. As histórias em quadrinhos passaram por inúmeras modificações desde o seu surgimento como meio de comunicação de massa e se caracterizam como uma das mídias de maior influência social, fazendo uso de uma linguagem simples, quase que sempre cômica, com forte apelo visual, atraindo principalmente crianças e adolescentes (SANTOS, 2010 e COSTA e SILVA, 2014).

As histórias em quadrinhos são uma forma de arte que combinam imagens e textos numa sequência de quadros, com cortes gráficos que delimitam a noção de espaço e tempo. Sua organização deve ser capaz de contar uma história ou ilustrar uma situação. O movimento, sugerido pelos desenhos, e a continuidade ficam por conta da imaginação do leitor. Suas temáticas são basicamente relacionadas ao humor cotidiano, mas também existem os quadrinhos dramáticos, realistas, literários, fantásticos e educativos (FONTANA e ARAÚJO, 2011).

Gatti e Salgado (2013) em seu estudo mencionam diversos personagens internacionais de história em quadrinhos difundidos no Brasil, como Mafalda, do cartunista argentino Joaquín Salvador Lavado Tejón, mais conhecido como Quino, Calvin e Haroldo, uma série de tiras desenhadas pelo norte-americano Bill Watterson e a turma Peanuts ou Minduim, desenhada pelo também norte-americano Charles Schulz.

A história “As aventuras de Nhô Quim ou impressões de uma viagem à corte”, de Ângelo Agostini, é considerada a primeira história em quadrinhos brasileira, publicada na revista *Vida Fluminense* do Rio de Janeiro, em 1869, porém, a primeira revista brasileira desse gênero foi *O Tico Tico*, lançada pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva, em 1905. As histórias em quadrinhos nacionais e internacionais ganham espaço no jornal em 1929, com publicações na *Gazeta Paulista*, e na década de 60 o cartunista Ziraldo apresenta um marco na produção nacional com o lançamento do personagem Pererê, que resgata temas do cotidiano e do folclore nacional. O ano de 1959 marca outro fato na história em quadrinho brasileira, com a publicação da

primeira tira de Maurício de Souza no *Jornal Folha de S. Paulo* (SANTOS, 2010 e RONCON, 2013).

Maurício de Souza é um dos principais cartunistas brasileiros, reconhecido nacional e internacionalmente. Iniciou a sua carreira como desenhista de cartazes para rádios e jornais do município de Mogi das Cruzes, Estado de São Paulo, local onde viveu. Na cidade de São Paulo conseguiu emprego como repórter policial na *Folha da Manhã*, bem distante de seu propósito de empregar-se como desenhista. Após cinco anos de trabalho como jornalista, e com ilustrações bem aceitas pelos leitores, em 1959 conseguiu a aprovação e a publicação de seu primeiro personagem, o cachorrinho Bidu (FONTANA e ARAÚJO, 2011).

A personagem Mônica, inspirada na filha do cartunista, surgiu para compor o grupo dos personagens Cascão e Cebolinha, com sua primeira aparição em março de 1963. Em 1970, com um desenho mais simples e reto, se comparado à figura atual, foi lançada a *revista da Mônica*. Com seus 50 anos completados em 2013, essa personagem compõe um grupo infantil, cujas histórias são difundidas mundialmente (RONCON, 2013).

Os meios literários destinados às crianças surgiram no século XVII, a partir da compreensão de que as crianças eram diferentes dos adultos, contradizendo o pensamento de que elas eram adultos em miniatura. Os quadrinhos, gênero textual muito difundido junto ao público infantil, provocam grande interesse nesse grupo, tanto pela representação dos personagens, que exercem grande fascínio sobre as crianças, quanto pela possibilidade de acompanhar as histórias apoiando-se nos desenhos (ALVES, 2001).

O valor pedagógico das histórias em quadrinhos sempre foi alvo de discussões. Na década de 50, o psicólogo alemão Fredric Wertham, em seu livro intitulado “A sedução dos inocentes”, acusou os quadrinhos de corromper os menores, influenciando tendências homossexuais e relacionando a leitura desse gênero textual ao aumento da violência e da indisciplina escolar. Em 1970, paralelamente às críticas, psicólogos e educadores começam a reconhecer esse veículo como ferramenta educativa, com fácil apreensão pelas crianças. Recentemente, os quadrinhos foram criticados com a alegação de conter discursos alienadores e incentivadores ao consumo (COSTA e SILVA, 2014).

### 1.2 Aspectos políticos, culturais e sociais da deficiência

As identidades das pessoas com deficiências foram modificando-se conforme os momentos históricos. A análise de suas identidades sociais, culturais e políticas podem ser compreendidas a partir dos modelos educacionais que se dedicaram a esse público. Desse modo, alicerçando sobre o processo edu-

cacional e as formas de proteção do Estado, procuraremos contextualizar os deslocamentos de identidade das pessoas com deficiência.

Santos e Souza (2011) relatam que historicamente, a educação de pessoas com deficiência nasceu de forma solitária, segregada e excludente. Iniciou-se na Europa a partir de uma preocupação religiosa e filantrópica, com caráter essencialmente assistencialista e terapêutico, com posterior expansão para os Estados Unidos e Canadá. No final da década de 1950, integra-se à política educacional brasileira, alicerçada primordialmente sobre bases higienistas.

Segundo Aranha (2005), a educação das pessoas com deficiência pode ser categorizada em três paradigmas: paradigma da institucionalização, paradigma dos serviços e paradigma do suporte. O Paradigma da Institucionalização caracterizou-se desde o início pela retirada das pessoas com deficiência de suas residências e comunidades de origem, e pela manutenção delas em instituições segregadas, tornando-se alvo de questionamento somente no século XX. No início da década de 80, acompanhando a tendência mundial de luta contra a segregação, ganhou força o paradigma dos serviços, sob a filosofia da Integração e da Normalização. Logo esse paradigma começou a enfrentar críticas, parte delas provenientes de reais dificuldades encontradas no processo de busca de normalização da pessoa com deficiência. Em seguida, chegamos ao paradigma do suporte, que tem por ideal a inclusão.

Nesse cenário, para Cardoso-Buckley (2011), buscamos a inclusão numa comunidade humana cheia de dicotomias e diferenças. Como membros dessa comunidade, somos chamados a valorizar e respeitar todos os sujeitos, com suas potencialidades e dificuldades, mas o preconceito ainda coexiste concomitante com as práticas inclusivas.

Segundo Caiado et al. (2014), a luta pelos direitos das pessoas com deficiência, assim como dos movimentos que defendem essa causa, ainda tem sua história pouco conhecida pela sociedade brasileira em geral, todavia, mostrou sua força quando imprimiu sua marca na Constituição de 1988, ampliando a visibilidade e a proteção do Estado para essa parcela social. Kassir (2011) entende que as políticas, programas e ações que constituem a educação especial brasileira vêm se constituindo ao longo das décadas, são oriundas de embates sociais e econômicos e compõem o Estado de Proteção Social.

A Constituição Federal promulgada em 1988 prevê o pleno desenvolvimento dos cidadãos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade, e quaisquer formas de discriminação. Garante ainda, em seu artigo 205, o direito à escola para todos. A convenção da Guatemala, cujo texto foi aprovado com caráter de emenda constitucional, entende que deficiência significa uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória,

que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social.

Em 2008, o Ministério da Educação publicou o documento intitulado Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, SEESP/MEC 01/2008, que introduz o delineamento do público alvo da educação especial, definindo que as estratégias da educação especial são destinadas aos alunos com deficiências sensoriais, transtorno global de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação.

O Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Plano Viver sem Limite, instituído por meio do Decreto 7.612/2011, tem como objetivo a integração e a articulação dos programas e ações destinados à pessoa com deficiência. Conforme a Súmula do Programa “Viver Sem Limites”: Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (2014), o acesso à educação compreende diversas ações:

[...] implantação de Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), a promoção de acessibilidade arquitetônica nas escolas, a formação de professores para realização do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a aquisição de ônibus escolares acessíveis. Em termos de formação profissional, as pessoas com deficiência são prioridade para matrícula nos cursos do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Na educação superior serão instalados núcleos de acessibilidade nas Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) e ofertados cursos de formação em Pedagogia, com ênfase na educação bilíngue – Língua Brasileira de Sinais (Libras)/Língua Portuguesa –, e cursos de Letras/Libras em todas as unidades da Federação. Para promover acesso à educação de mais crianças e adolescentes com deficiência, atendidos pelo Benefício de Prestação Continuada (BPC), o Plano Viver sem Limite estabeleceu como meta ampliar as ações de monitoramento e acompanhamento que compõem o Programa BPC na Escola (SÚMULA DO PROGRAMA “VIVER SEM LIMITES”: PLANO NACIONAL DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, 2014, p. 263-264).

Hall (2010) aponta que a sociedade não é imutável, e que as suas transformações são oriundas de suas próprias modificações e evoluções, de modo que as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade, que no passado forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais, estão se fragmentando conforme as transformações. Nesse sentido, segundo Canciani (1997), estamos num momento de transição das identidades clássicas para novas estruturas globais, de multiculturalidade e com abertura para a presença do “diferente”.

### *1.3 As identidades contemporâneas e o diferente nas histórias em quadrinhos*

Desde o modelo de segregação até a perspectiva de inclusão, a sociedade foi paulatinamente reconstruindo sua relação com as pessoas com deficiência, influenciando-se pela presença do diferente e ao mesmo tempo favorecendo o diferente em sua percepção como membro desta sociedade. A consideração desses movimentos nos permite então verificar a inserção desses sujeitos nos veículos midiáticos, neste caso, nas histórias em quadrinhos.

Fontana e Araújo (2011) apontam que, após a criação de diversos personagens, o cartunista Maurício de Souza decidiu incorporar à Turma da Mônica personagens com deficiência, que segundo o autor estão “na moda”. Esses novos integrantes buscam mostrar que é possível respeitar a cidadania e promover o respeito pelo próximo, com inúmeros ensinamentos na área do relacionamento humano.

Criado em 1981, o personagem Humberto indica ser o primeiro integrante com deficiência a compor a turma. Nas histórias ele não fala, apenas murmura, porém não fica clara a sua situação. Na revista “Mônica” n.º. 239, publicada em maio de 2006, o garotinho aparece conversando em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, de modo que as outras crianças do grupo procuram aprender a língua e compreender os seus sinais. Nessa publicação é utilizado um recurso interessante, nas situações onde os personagens estão conversando, os balões, típicos dos quadrinhos, apresentam uma estrutura diferenciada, indicando que a conversa está ocorrendo em LIBRAS (SILVEIRA, 2008).

A vila da Turma da Mônica ganha uma personagem nova na revista n.º. 221 do gibi da Mônica. A personagem Dorinha foi inspirada na deficiente visual Dorina Nowil, fundadora de uma renomada instituição, que tem o seu trabalho voltado às pessoas com deficiência visual. Essa personagem já inicia sua incursão na turma explicando aos novos colegas que enxerga de maneira diferente. Com uma personalidade decidida, a menina mostra que a ausência da visão não será empecilho para participar das aventuras da turma (FONTANA e ARAÚJO, 2011).

A primeira aparição do personagem Luca foi em dezembro de 2004. Esse garoto de 7 anos de idade é paraplégico e acabara de se mudar para o bairro do Limoeiro, onde se desenvolvem os enredos da Turma da Mônica. Foi inspirado nos atletas paraolímpicos e recebeu do cartunista que o criou dois apelidos: “Da Roda”, por usar cadeira de rodas e “Paralaminha”, em homenagem ao vocalista da banda brasileira Paralamas do Sucesso, Herbert Vianna (SOUZA e FORTUNA, 2014).

Em comemoração ao Dia Internacional da Síndrome de Down, no ano de 2009, o Instituto Maurício de Sousa realizou o lançamento da revista in-

titulada “Turma da Mônica em Viva as Diferenças”. Nessa revista encontramos duas histórias, de modo que a primeira, sob o título “Cada ser é único” tem seu enredo inspirado na expectativa dos pais durante a gravidez e na segunda, chamada “A nova Coleguinha”, é apresentado ao público a nova amiga da turma, a personagem Tati, uma coleguinha com Síndrome de Down que chega para o seu primeiro dia de aula com as crianças da Vila Limoeiro (REZENDE e SILVÉRIO, 2012).

Conforme as descrições dos personagens, disponíveis no site oficial da Turma da Mônica, o Franjinha é o cientista da Turma e trabalha constantemente em seu laboratório no fundo do quintal. Marina é uma garotinha com longos cabelos ondulados que possui talentos artísticos. Esses personagens têm características que nos remetem as pessoas com altas habilidades/superdotação, todavia, não foram encontradas referências que reafirmem esta possibilidade.

Segundo Oliveira e Hemmel (2011), o personagem André, com 4 anos de idade, aparece na Turma em meados da década de 2000, numa publicação intitulada “Um Amiguinho Diferente”. Em determinado momento do enredo o personagem Cascão, percebendo as dificuldades na comunicação, chega a questionar a possibilidade de o novo amigo ser igual ao personagem Humberto, porém, logo se explica que o menino é autista. A crítica a esse material é dada pelo fato de que a abordagem acerca do autismo é realizada de forma generalizada, podendo levar o leitor a conclusões equivocadas, já que a síndrome se apresenta em espectros, de modo que cada autista é único.

Rezende e Silvério, 2012 apontam que os textos curtos das histórias em quadrinhos despertam o ânimo para a leitura e se configuram como materiais valiosos, pois tratam de questões culturais, regionais, folclóricas, históricas e sociais. Para essas autoras, foi possível identificar nas revistas de Maurício de Sousa crianças com deficiência, em um contexto de interação e pluralidade.

#### *1.4 A representação dos “diferentes” – análise das revistas*

Foram analisadas duas publicações sequenciais da revista *Turma da Mônica*, a revista nº. 93, publicada em setembro de 2014, sob o título “Turma da Mônica: o videogame alopchado” e a nº. 94, publicada em outubro de 2014, intitulada “Turma da Mônica: Coisas de gibi”. De maneira complementar, também foram analisadas as seguintes revistas: “Cebolinha: Uma festa de aniversário?” (nº. 94/ outubro de 2014); “Magali: A irmandade do biscoito amanteigado” (nº. 94/ outubro de 2014) e “Cascão: Os novos amigos do Cebolinha” (nº. 94/ outubro de 2014).

A análise consistiu na identificação dos personagens com deficiências sensoriais, transtorno global de desenvolvimento e com altas habilidades/



superdotação, presentes nas histórias de cada revista, assim como na seção de cartas e nos anúncios publicitários.

Na revista n.º 93, publicada em setembro de 2014, sob o título “Turma da Mônica: o videogame alopchado”, encontramos na primeira história, denominada “O videogame alopchado”, a presença do personagem Franjinha, que utilizou as peças da máquina do tempo para construir um videogame “ultrarradical”. Ele convida os personagens Cascão, Cebolinha, Mônica, Magali e Dudu para o seu laboratório, com o intuito de testar o seu invento. Com apenas cinco controles de videogame, o personagem Dudu fica fora da brincadeira. Após a personagem Magali apertar um botão no aparelho, os cinco jogadores entram no videogame, ficando do lado de fora apenas o garotinho Dudu, que passa a jogar e promove o desenrolar do enredo. O personagem Franjinha possui características de altas habilidades/superdotação, porém, não há confirmação dessa hipótese.

Nessa mesma revista, na seção de cartas, o personagem Luca aparece ilustrando o canto inferior da margem esquerda do “Correio da Turma da Mônica”, espaço destinado às cartas dos leitores. Não há grande destaque desse personagem e não fica claro que ele é cadeirante, haja vista que a ilustração o mostra tocando bateria. No desenho vemos apenas os seus braços, pescoço e cabeça. Nessa mesma seção, a personagem Marina aparece próxima à margem superior direita. Não foram encontrados personagens com deficiências sensoriais, transtorno global de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação nos anúncios publicitários.

Na publicação “Turma da Mônica: Coisas de Gibi” (n.º 94/ outubro de 2014), a história “Marina em lápis e borracha” encontra-se organizada em uma página e é composta por seis quadros. A personagem Marina, também com supostas características de altas habilidades/superdotação, é representada desenhando nos quadros com seu lápis mágico, até que no quadro número 4 se depara com pneu, lata e garrafa boiando num rio. A garota se assusta e no quadro número 6, última cena, aparece com uma borracha mágica e “limpa o rio”. Não foram encontrados personagens com deficiências sensoriais, transtorno global de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação na seção de cartas ou nos anúncios publicitários.

Na revista “Cebolinha: Uma festa de aniversário?” (n.º 94/ outubro de 2014), vemos na primeira história um número acentuado de personagens, porém, nenhum deles se enquadra no público de nossa análise, os quais também não foram identificados nas demais histórias, na seção de cartas ou nos anúncios publicitários.

Nas publicações “Magali: A irmandade do biscoito amanteigado” (n.º 94/ outubro de 2014) e “Cascão: Os novos amigos do Cebolinha” (n.º 94/

outubro de 2014), também encontramos os personagens Franjinha e Marina, supostos superdotados. Não encontramos os personagens objeto de nossa análise na seção de cartas ou anúncios publicitários dessa revista.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quadrinhos tornaram-se componentes da cultura desde o final do século XIX e são representantes de uma cadeia midiática, composta por diversos veículos, como jornais, revistas e televisão. Nesse cenário, o cartunista Maurício de Souza figura entre os principais nomes dos quadrinhos brasileiros.

A identidade da pessoa com deficiência foi modificada ao longo do tempo, partindo de uma total exclusão social até a impressão de suas marcas em políticas públicas que lhes garantissem direitos fundamentais. Considerando essas conquistas, é interessante observar a apropriação e a representação dos “diferentes” num veículo midiático como as revistas da Turma da Mônica, de grande circulação nacional e internacional.

Nosso estudo verificou que o cartunista Maurício de Souza representou em seus trabalhos crianças com deficiências sensoriais, transtorno global de desenvolvimento e possivelmente com altas habilidades/superdotação. Nas revistas analisadas observamos uma presença reduzida desses personagens. Uma maior presença desses personagens poderia auxiliar na construção de uma cultura inclusiva, principalmente junto às crianças, público amplamente impactado por essa mídia.

### REFERÊNCIAS

ALVES, José Moysés. Histórias em quadrinhos e educação infantil. **Psicol. Cienc. Prof.** Brasília, v. 21, n. 3, set. 2001.

ARANHA, M. S. F. **Projeto Escola Viva: garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola: necessidades educacionais especiais dos alunos**, v. 1 – Visão histórica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

BONOMI, Tomás Moraes Abreu; LOTUFO NETO, Francisco. Psicopatologia nas histórias em quadrinhos e cartoons. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 37, n. 6, 2010.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

\_\_\_\_\_. **DECRETO Nº. 7.612, de 18 de novembro de 2011. Diário Oficial da União**, Brasília, 18 de novembro de 2011.

CAIADO, Katia Regina Moreno et al. Deficiência e Desigualdade Social: O Recente Caminho Para A Escola. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 34, n. 93, mai. 2014.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARDOSO-BUCKLEY, Maria Cecília de Freitas. Valores influenciando a visão do ser humano e pesquisa em educação especial: uma reflexão. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 17, n. spe1, ago. 2011.

COSTA, Alan Bonner da Silva; SILVA, Edson Pereira da. Níquel Náusea vai à escola: usos dos quadrinhos em sala de aula. **Comunicação & educação**, Ano XIX, n. 2, jul./dez. 2014.

FERNANDES, Ângela Viana Machado; PALUDETO, Melina Casari. Educação e direitos humanos: desafios para a escola contemporânea. **Cad. CEDES**, Campinas. v. 30, n. 81, ago. 2010.

FONTANA, Edna; ARAÚJO, Fabíola Elisa. Um Caso “Especial”: a Personagem “Dorinha” da Turma da Mônica. **Perspec. Contemp.**, Campo Mourão, v.6, n.1, p. 1-17, jan./jun. 2011.

GATTI, Márcio Antônio; SALGADO, Luciana Salazar. **Personagens infantis de tiras cômicas em suportes diversos: uma questão de circulação, aforização e estereotípiã**. DELTA, São Paulo, v. 29, n. set. 2013.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. T. T. da Silva e G. L.Louro. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2005.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Percursos da constituição de uma política brasileira de educação especial inclusiva. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 17, n. spe1, ago. 2011.

LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. Condições para o ingresso e permanência de alunos com deficiência na escola. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 34, n. 93, mai. 2014.

OLIVEIRA, Brenda Ana de; HEMMEL, Gislene Reimberg. **A representação do autista em uma revista de história em quadrinhos destinada ao público infantil: uma análise frente aos desafios da inclusão**. TCC– Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

REZENDE, Lucinea Aparecida de; SILVÉRIO, Luciana Begatini Ramos. Leitura e educação – representações da inclusão social na obra de Maurício de Sousa. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Palavra e imagem** n. 44, p. 255-276, 2012.

RONCON, Gisele Inglez de Souza. **Estudo dos traços gráficos da Turma da Mônica Jovem: apropriação visual e uso da cultura oriental no processo de criação da personagem Mônica de Maurício de Sousa**. Dissertação (mestrado) – Apresentada ao Instituto de Ciências Sociais e Comunicação da Universidade Paulista São Paulo, 2013.

SANTOS, Mariana Oliveira dos. Formação de Leitores: Um Estudo sobre as Histórias em Quadrinhos. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.15, n.2, p. 05-23, jul./dez., 2010.

SANTOS, Antônio Carlos Nogueira; SOUZA, Veronica Reis Mariano. O Paradigma da Educação Especial em Escolas Municipais de Ensino Fundamental na Cidade de Aracaju na Área da Educação Física. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 6, jan./jun. 2011.

SILVEIRA, Carolina Hessel. Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras. **Rev. Educação (UFMS)**, v.33, n. 1, 2008.

SOUZA, M. **Revista Turma da Mônica: O videogame alopado**. Editora Panini Comics, nº. 93, p.1-66, 2014.

SOUZA, M. **Revista Turma da Mônica: Coisas de Gibi**. Editora Panini Comics, nº. 94, p.1-66, 2014.

SOUZA, M. **Revista Cascão: Os novos amigos do Cebolinha**. Editora Panini Comics, nº. 93, p.1-66, 2014.

SOUSA, M. **Revista Cebolinha: Uma festa de aniversário**. Editora Panini Comics, n°. 93, p.1-66, 2014.

SOUSA, M. **Revista Magali: A irmandade do biscoito amanteigado**. Editora Panini Comics, n°. 93, p.1-66, 2014.

SOUSA, Vanessa Nogueira Maia de; FORTUNA, Daniele Ribeiro. Identidade, Mídia e História em Quadrinhos: O Caso do personagem Luca. **Revista Ecos**, vol. 16, Ano XI, n. 1, 2014.

SÚMULA DO PROGRAMA “VIVER SEM LIMITE”: PLANO NACIONAL DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. **Cad. CEDES**. Campinas, v. 34, n. 93, mai. 2014.

**TURMA DA MÔNICA**. Personagens>Franjinha. Disponível em: <http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/franjinha/>Acesso em: 9 out. 2014.

**TURMA DA MÔNICA**. Personagens>Marina. Disponível em: <http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/franjinha/>Acesso em: 9 out. 2014.

## ANEXO

## TABELAS DE ANÁLISE DAS REVISTAS

Nº. 93/ setembro de 2014 – Turma da Mônica: o videogame aloprado				
Histórias	Personagens	Personagens com deficiência, transtorno global ou Altas Habilidades/ Superdotação	Análise publicitária	Seção de cartas
O videogame aloprado	Franjinha, Dudu, Cascão, Mônica, Cebolinha e Magali	<b>Franjinha</b>		
Tina em “Tantas coisas para se pensar”	Tina, Pipa, Tia Adelaide	Ausente		
Piteco em “Profissão sem risco”	Piteco, “vendedor”	Ausente		
Cebolinha em “Bem que eu me avisei”	Cebolinha	Ausente	Não foi observado personagens com deficiência nas mensagens publicitárias	O personagem <b>Luca</b> aparece ilustrando o canto inferior da margem esquerda do “Correio da Turma da Mônica”, espaço destinado às cartas dos leitores. A personagem Marina aparece próxima à margem superior direita
“Os trabalhos de Cranicola”	Cranicola, “ator 1”, “ator 2”, Dona Morte, “Menino”, “Banda de Rock”, “Pintor” e “Fantasmas”	Ausente		
Turma da Mônica em “Brincando tranquilo”	Mônica, Cebolinha e Cascão	Ausente		
Tirinha Final	Jotalhão, Cebolinha e Mônica	Ausente		

Nº 94/ outubro de 2014 - Turma da Mônica: Coisas de gibi				
Histórias	Personagens	Personagens com deficiência, transtorno global ou Altas Habilidades/Superdotação	Análise publicitária	Seção de cartas
A turma em “Coisas de Gibis”	Xaveco, Cascão, Cebolinha, Mônica, Bidu, Manfredo.	Ausente		
Bidu em “O Intruso”	Bidu, Manfredo, Bugu, família de cachorros, Penadinho e Muminho.	Ausente		
Turma do Penadinho em “Casinha”	Cachorro e Lobi.	Ausente		
Magali em “Oba! Ganhei meus patins”	Magali, Anjinho, Menino e Menina.			
Piteco em “Não tenho nada contra o frio”	Piteco, Thuga	Ausente	Não foi observado personagens com deficiência nas mensagens publicitárias	Ausente
Marina em “Lápis e borracha”	Marina	<b>Marina</b>		
Bidu em “Conselho de amiga”	Bidu, Fifi, Filó, Rúfus, Mingau.	Ausente		
Turma do Penadinho em “Férias”	Lobi	Ausente		
Mônica em “A visita da tia Aída”	Mônica, Dona Luisa e tia Aída, Cebolinha e Cascão.	Ausente		
Mônica e Cebolinha em “O tesouro”	Mônica, Cebolinha e Cascão.	Ausente		
Tirinha Final	Astronauta	Ausente		

Nº 94/ outubro de 2014 - Turma da Mônica: Coisas de gibi				
Histórias	Personagens	Personagens com deficiência, transtorno global ou Altas Habilidades/ Superdotação	Análise publicitária	Seção de cartas
A turma em “Coisas de Gibis”	Xaveco, Cascão, Cebolinha, Mônica, Bidu, Manfredo.	Ausente		
Bidu em “O Intruso”	Bidu, Manfredo, Bugu, família de cachorros, Penadinho e Muminho.	Ausente		
Turma do Penadinho em “Casinha”	Cachorro e Lobi.	Ausente		
Magali em “Oba! Gagnei meus patins”	Magali, Anjinho, Menino e Menina.			
Piteco em “Não tenho nada contra o frio”	Piteco, Thuga	Ausente	Não foi observado personagens com deficiência nas mensagens publicitárias	Ausente
Marina em “Lápis e borracha”	Marina	<b>Marina</b>		
Bidu em “Conselho de amiga”	Bidu, Fifi, Filó, Rúfus, Mingau.	Ausente		
Turma do Penadinho em “Férias”	Lobi	Ausente		
Mônica em “A visita da tia Aída”	Mônica, Dona Luisa e tia Aída, Cebolinha e Cascão.	Ausente		
Mônica e Cebolinha em “O tesouro”	Mônica, Cebolinha e Cascão.	Ausente		
Tirinha Final	Astronauta	Ausente		

Nº. 94/outubro de 2014 – Cebolinha: Uma festa de aniversário?				
Histórias	Personagens	Personagens com deficiência, transtorno global ou Altas Habilidades/ Superdotação	Análise publicitária	Seção de cartas
Cebolinha em “Para quem é feita uma festa de aniversário?”	Cebolinha, Seu Cebola, Dona Cebola, Cascão, Mônica, Xaveco, Dudu, Magali, Jeremias, Bloguinho, Franjinha, Denise, Titi, Floquinho, Maria Cebolinha, Bidu e Xabeu Lorota.	Ausente		
Bidu em “Oh, raça desunida!”	Bidu, Mingau, Duque, “outros gatos”	Ausente		
Cebolinha e Mônica	Cebolinha, Mônica e “Sorveteiro”	Ausente	Não foi observado personagens com deficiência nas mensagens publicitárias	Ausente
Cebolinha em “Vontade de Criança”	Cebolinha, Seu Cebola, Dona Cebola, Maria Cebolinha, Cascão, Maurício e Marcelinho.	Ausente		
Cebolinha em “Tricotando”	Cebolinha, Mônica, Cascão	Ausente		
Penadinho em “Branco como um fantasma”	Penadinho, Frank, Muminho, Zé Vampir.	Ausente		
Cebolinha em “Tudo pelo Sansão”	Cebolinha, Sansão, Alienígenas, “dinosaurio”, Louco	Ausente		
Tirinha Final	Mônica e Cebolinha	Ausente		



Nº. 94/ outubro de 2014 – Magali: A irmandade do biscoito amanteigado				
Histórias	Personagens	Perso- nagens com deficiên- cia	Análise publici- tária	Seção de cartas
Magali em “A irmandade do biscoito amanteigado”	Cascão, Cebolinha, Mônica, Magali, Marina, Denise, “Cozinheiro”, Franjinha, Chico Bento, Rosinha, Xaveco, Alienígenas.	<b>Franjinha e Marina</b>		
Piteco em: Coragem	Piteco, “animais pré-históricos” e Thunga.	Ausente		
Papa Capim em “Tirando da rede”	Papa Capim e “animais da selva”	Ausente		
Turma do Penadinho em “Primo”	Penadinho Lobi e Zé Caveirinha.	Ausente	Não foi observado personagens com deficiência nas mensagens publicitárias	Ausente
Magali em “Bem a tempo”	Cebolinha, Mônica, Magali, Seu Antenor, “Palmitinha”, “Produtor de televisão”, “câmera”	Ausente		
Mingau em “Gatos por um fio”	Magali, Mingau, “Gato”, Monicão, Mônica, pintor, e motoristas.	Ausente		
Magali	Magali, Denise, Marina e Mônica.	<b>Marina</b>		
Magali em “Cadê a tia Nena”	Magali, Mônica, “Eulália” e Tia Nena.	Ausente		
Tirinha Final	Mônica e Magali	Ausente		

Nº. 94/outubro de 2014 – Cascão: Os novos amigos do Cebolinha				
Histórias	Personagens	Personagens com deficiência	Análise publicitária	Seção de cartas
Cascão em “Os novos amigos do Cebolinha”	Cebolinha, Cascão, Xaveco, Zé Bento, Crispiano, Bia, Melissa.	Ausente		
Parte Dois – Pessoas Interessantes	Cebolinha, Cascão, Xaveco, Zé Bento, Crispiano, Bia, Melissa e Xabeu	Ausente		
Turma do Penadinho em “Mais de 50 tons de cinza”	Penadinho, Zé Vampir, Zé Caverinha, Muminho, Lobi, Aminha, Frank e Dona Morte.	Ausente		
Franjinha em “Bidu preguiçoso”	“Veterinário”, Franjinha, Bidu, “gato”, “cachorros” e “skatista”.	<b>Franjinha</b>	Não foi observado personagens com deficiência nas mensagens publicitárias	Ausente
Cascão em “Racionamento”	Cascão, “mulheres e crianças, “São Pedro” e Anjinho	Ausente		
Cascão em “Perigos”	Cascão e Cascuda	Ausente		
Cascão e Cebolinha em “A cartinha de Amor”	Cascão, Cebolinha, Mônica, Cascuda	Ausente		
Tirinha Final	Cascão e Mônica	Ausente		